1.º anno | Lisboa, 6 de outubro de 1884 | Numero 15

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

D'esta vez parece-nos que chegou emfim, o traiçoeiro outono, o eterno fabricante das constipações importunas e das pneumonias dolorosas.

Veio com a bicharia do Colyseu, o maldito, a passos lentos e curtos, como os elephantes de mr. Dyerling, mas revoltoso e irado, despedindo raios e coriscos, vomitando imprecações electricas e chuveiros teimosos.

No mesmo dia em que sua alteza real, o principe D. Carlos, completava as suas vinte e uma primaveras loiras como espigas de trigo, e os canhões da nossa armada lhe enviavam o parabem official, por entre espiraes de fumo caprichosas, o ceu illuminava-se de uma luz verde formosissima, semelhante á do magnesium, como para saudar a maioridade do herdeiro da corôa, e uma trovoada rija misturava a sua voz potente aos clamores festivos da artilheria nacional.

Quando, em intimo banquete de familia, scintillavam no paço os crystaes facetados e as pratas cinzeladas, e a cortezania se desentranhava em madrigaes e em brindes congratulatorios junto do principe recem-emancipado, cá fóra, na atmosphera toda fogo, esfuzilavam os relampagos e ribombava o trovão atroador, como querendo prevenir o herdeiro do throno de que acabavam n'aquelle dia para elle todas as doidejantes alegrias de rapaz, todos os brinquedos da sua mocidade florida e descuidosa.

Quanto não daria o loiro principe, ao escutar entristecido e pensativo aquelle terrivel concerto da Natureza irada, que importava um aviso e marcava o *terminus* da sua vida de adolescente sem cuidados nem responsabilidades, quanto não daria elle para poder voltar aos tempos incomparavelmente mais felizes da existencia de *bébé*, da limpida existencia tranquilla e placida dos primeiros annos, em que não lhe agitavam o somno as visões dos conselhos d'Estado solemnes, dos decretos a referendar, dos ministerios a demittir!...

EM DIA D'ELEIÇÕES (Quadro de E. Stieler)

Mas emfim, são os ossos do officio. Não se nasce impunemente principe de sangue, com umas poucas de gerações de reis a enflorarem-lhe a arvore genealogica.

Algum dia havia de ser maior o principe D. Carlos. Aquella menoridade, irresponsavel e serena como a superficie d'um lago em tarde primaveral, não podia prolongar-se indefinidamente, sujeita a tutelas vigilantes e eternas.

O moço capitão de cavallaria começa agora o seu tirocinio pa-

ra governante do Estado. Amanhã começará o tirocinio para major e para chefe de familia. Marcaram-lhe os 21 annos de homem feito vida nova e agitada. O artigo 311.º do codigo civil deu-lhe carta branca para dispor da sua pessoa e bens, mas poz-lhe o veto ás travessuras de rapaz, apagou-lhe dos labios o derradeiro sorriso de creança.

=Capitão... major... Estas duas simples palavras e o facto de nos termos referido ao gentil official do extincto regimento de Lanceiros da Rainha, desafiam-nos a divagar pelo caso mais palpitante da semana,—a insubordinação e a dissolução d'aquelle corpo.

Tem-se escripto muito ácerca do gravissimo acontecimento. Os pobres prelos inoffensivos, a que não cabe a mais leve responsabilidade do facto, gemem ainda sob o pezo das considerações jornalisticas inspiradas pelo momentoso assumpto.

A imprensa periodica tem encarado a questão atravez de todos os prismas, ou arrastando-a para os meandros da politica, ou quebrando lanças pela disciplina do exercito, ou despedindo os raios da sua ira jupiteriana contra os iniciadores da insubordinação no defuncto regimento.

Não houve, porém, um só jornalista que se lembrasse de editar artigos de sensação, encimados por este titulo pomposo: «de como os alferes graduados de Lanceiros da Rainha e as meninas da Baixa são mais feridas pela dissolução do corpo do que a propria disciplina militar.»

E realmente é assim.

Cada uma das cananas dos alferes de lanceiros desterrados para a provincia, representava um poema d'amor. Cada um d'aquelles capacetes empenachados, que o illustre ministro da guerra condemnou á negra pena do exilio, fazia a felicidade d'uma donzellinha indigena rescendente a *opoponax* e a *veloutine*.

A' tarde, pela hora do pregar da agulha, os pianos da Baixa saudavam alegremente a apparição d'aquelles gentilissimos guerreiros imberbes no asphalto dos passeios, desprendendo das teclas doudejantes reminiscencias garotas do *Boccacio*. Depois, as janellas dos terceiros andares povoavam-se de rostinhos joviaes, muito felizes na contemplação extatica das fardas apparatosas e dos galões fininhos enfeitando o canhão em curvas elegantes.

Quando se ouviam, no *mac-adam*, os passos d'um cavallo a caracolar com impetos fogosos, era elle. Os paes de familia estremeciam nas suas chinellas e nos seus chambres de ramagens escuras, tendo a visão sinistra d'um futuro de dezoito mil réis por mez para a sua querida Beatrizinha, que elle educára com tanta solicitude nas musicas de Verdi e nos bordados a missanga.

Ellas, porém, as fascinadas, só tinham estremecimentos de jubilo, quando o moço official dos seus doirados sonhos apparecia. O amor d'elle, uma cabana, e *poi... morir!*

Hoje acabou-se tudo. Nos pianos soturnos e melancholicos da rua dos Fanqueiros já se não ouve a languida valsa do *Boccacio*. D'aquelles orgãos de Barbaria lacrimosos e plangentes só se desprendem coisas tristes, notas angustiadas, lamentos despedaçadores. Cada compasso é uma imprecação contra o governo, cada phrase musical um grito de dôr repassado de lagrimas!

Não mais o tinir das esporas d'elle na calçada... Não mais o formoso capacete a avistar-se lá muito ao longe, no fim da rua! ..

Se ao menos o novo regimento de cavallaria tivesse alferes graduados... A organisação do corpo está incompleta; não se prestou culto ao amor.

=Não se prestou culto ao amor, repetimol-o: áquelle sentimento bom, que nos faz sugar, n'uma anciedade de vampiro, as mirificas palavras suspiradas por qualquer Laura romantica.

Vampiro...

Ora esperem, tambem a semana finda nos deu mais este acontecimento frisante .. um vampiro em pleno seculo XIX, um sujeito que tem passado a existencia a oscular pequenınos *bébés* anafados, sugando-lhes o sangue virgem no delirio dos beijos quentes.

O caso deu que fallar e alvoroçou o corpo docente do Conservatorio, onde o *scelerado*, segundo disseram as gazetas baratas, aprendera a tocar violoncello.

Afinal de contas, o vampiro não passava d'um misero idiota qualquer. Em vez de sugar o sangue do proximo, por maldade requintada, chupava-o por ser imbecil e por lhe terem segredado que fazia bem... á fraqueza.

Nunca frequentou o conservatorio; tocava piano, d'ouvido, nos cafés pelintras, e vivia na privança do sr. Justino Soares, o dilecto coreographo das academias de dança populares.

A masmorra não se abriu para o infeliz pianista-vampiro, mas é de crer que, mais dia menos dia, Rilhafolles lhé faculte o ingresso nas suas cellulas.

E ahi está, em resumo, o que nos deu a semana, afóra as novidades sempre convidativas do Colyseu, onde, por emquanto, se passa uma noite mais agradavelmente que nos theatros.

C. Dantas.

LITTERATURA CONTEMPORANEA ITALIANA

GIOVANNI PRATI

Queixamo-nos muito em Portugal e justamente nos queixamos de sermos esquecidos e ignorados pela Europa culta, de que os nomes dos nossos grandes homens morrem sem echos na fronteira. Não reparamos, comtudo, que não somos o unico povo a quem isso succede, que, se exceptuarmos alguns homens notabilissimos, cuja fama ultrapassa sempre todos os limites que separam umas das outras as nações da Europa, a maior parte dos escriptores dos differentes paizes são completamente ignorados nos outros. Só a litteratura franceza logra ser conhecida em toda a parte, e essa até nos seus infimos representantes. Conhecemos todos os poetas francezes, desde Victor Hugo até Guy de Maupassant, desde François Coppée até Mauricio Rollinat, e o nome de Giovanni Prati, que inscrevemos no principio d'este ligeiro estudo, é de certo completamente desconhecido á grande maioria dos nossos leitores.

E, comtudo, o poeta, que falleceu hontem por assim dizermos, o poeta que expirou já n'este anno de 1884, é, apesar das criticas severas de Tenca e de De Sanctis, um dos primeiros poetas da Italia moderna. Por muitos annos foi o poeta querido das mulheres italianas. A' sua primeira obra, *Edmenegarda*, foi um d'esses romances de adulterio e de fatalidade que agitaram profundamente as almas, e que a nossa época moralissima e severa estygmatisa com o ferrete de *obscenos*. Não defendemos nem por sombras esses desvarios da paixão criminosa idealisados pelas George Sand, mas rimos a bom rir quando vemos as *Edmenegardas* e as *Lélias* estygmatisadas pudicamente pelos que applaudem a *Renée* da *Curée* e a *Sapho* de Daudet. Ah! dizem os criticos, é porque estes ao menos apresentam a devassidão em toda a sua hediondez moral, emquanto os romanticos disfarçavam-n'a envolvendo-a nos véus de um idealismo enervador e revoltante.

Bem sei! os sentidos agora parece que estão mais gastos, e precisam, para se agitar, de imagens mais obscenas. Para perturbar nossos paes bastavam os passeios ao luar, e duas mãos trémulas que inconscientemente se apertavam; para nos perturbar a nós já é necessaria a estufa da *Curée*, a pelle de tigre estendida no chão, Maximo, o ephebo loiro e depravado, cahindo debaixo dos impetos sensuaes d'essa Messalina burgueza que a imaginação de Zola inventou n'uma hora de lubricidade. E a differença consiste em que os romances modernos são illuminados pela lampada lubrica das alcovas, emquanto os antigos eram illuminados pela candida lampada do luar. Mais nada!

A *Edmenegarda*, comtudo, não é effectivamente uma obra destinada á immortalidade. Encontrou a nota de occasião, mas não a nota humana, a nota universal. Essa encontra-se muitas vezes nos *Cantos lyricos* e nos *Cantos para o povo*. A sua invocação á mulher é de uma belleza extraordinaria, modulada, sobre tudo, como está n'um rhythmo encantador, em versos deliciosos cheios de uma harmonia, cujo segredo morreu com Prati, e que elle herdára do seu quasi conterraneo Carrer, porque Prati era tyrolez.

«Nos teus braços, diz elle a esse Eterno Feminino, que tambem inspirou Gœthe:

Alle tue braccie io palpito
Come a promessa antica:—
T'amo bambina e vergine,
Madre, sorella, amica!
T'amo siccome l'ara
Dove fanciúl pregai,
Come la prima e cara
Vittoria in gioventú,
Come quel di che amai
La fede e la virtú!

Per te, per te la splendida
Nota che il genio desta,
La gioia del convivio,
L'applauso della festa;
Per te l'amor, la gloria,
L'ora di gaudio piena,
La piú gentil memoria
Del tempo che fuggí,
La speme piú serena
Degli aspettati dí.

E a poesia intitulada *Duas historias*, onde o homem da montanha e o homem do mar narram um ao outro o seu destino, e o da montanha diz:

Sull'avel dé miei parenti
Crebbe l'arbore soletta,
Sulle ceneri d'Odetta
Quel fior mesto i lembi apri!

Io qui lungi dè viventi
Prègo è piango, è son molt'anni,
Più non penso á mutar panni,
Io qui vissi e morró qui.

E o do mar responde:

Son púr morti i cari miei
Má trovarli io spero in vano,
Un sepolcro é l'Oceano
Che non apresi per mé,

La mia Lisa, i miei figlietti
Li ho veduti all'onde sparsi,
Poi nel vortice serrarsi,
Tutti insieme e inabissar.

Lêr estas balladas é cantal-as. Comtudo, esta era a nota verdadeira de Prati. As poesias patrioticas não se distanceiam das muitas que existem na moderna litteratura italiana. São mediocres os seus poemas philosophicos e sociaes *Satanas e as Graças* e *Armando*, e a collecção de sonetos intitulada *Psychis*. Trabalhou tambem n'um vasto poema cyclico, intitulado *Deus e a humanidade*, um pouco do genero da *Lenda dos seculos*.

A falta de meios obrigou-o a atrelar a sua musa ao carro official, acceitando a nomeação de poeta cesareo da côrte de Carlos Alberto. Não o salvou da pobreza esse cargo, e esterilisou-lhe talvez o talento. Prati teve uma grande decadencia intellectual. Ás criticas de Tenea e de De Sanctis respondeu com epigrammas: viu, porém, com agrimas de sangue, o seu publico predilecto de senhoras abandonal-o para ir escutar os cantos de Aleardi. Déram-lhe uma ultima alegria os louvores do satyrico Stechetti, que, no seu poema sarcastico *Job*, depois de ter envolto no latego de ironia todos os poetas da moderna Italia, dizia, ao fallar de Prati:

Onorate il poeta! Innanzi a lui
Questa superba satira s'inchini!

Nos ultimos annos da sua vida, Prati cegou, e viveu alheado do mundo em que tantos applausos colhera. Morreu, emfim, amargurado por uma doença cruel que o pungia, e sobrevivendo-se a si proprio como poeta, no principio de 1884.

PINHEIRO CHAGAS.

A MORTE DO ASSASSINO

I

A sua historia é breve, mas sombria.
Após muita miseria conglobada,
Foi rondar, como os lobos, pela estrada,
N'uma noite de gelo e ventania.

E a turba, ao presentir de madrugada
O rastro de Caim na terra fria,
Jogou-lhe a existencia desolada,
E lançou-o no inferno da enxovia.

Elle, então, viu as orbitas escuras
Onde o sol não reluz, doirando os cerros
Onde as pedras destillam amarguras,

Como nas ruinas de Salém, outr'ora,
Onde não se vê Deus, e onde a aurora
Tem por crysol as maldições e os ferros.

II

Ao ir sulcando do desterro as aguas,
Quando a lua azulava o tombadilho,
Elle sentiu no olhar o ethereo brilho
Do pranto: espelho de indiziveis magoas.

E gemeu solitario... Obscuras frágoas
Manchas que imprime ensanguentado trilho,
Só a Desgraça diz: sinto-as... apago-as...
—E a Desgraça chamava-lhe seu filho.

Alta noite, de balsamos sedento,
Ouviu rugir as ondas espumosas
Sob as azas liberrimas do vento;

E as algemas torceu, enferrujadas
Do nitro das prisões silenciosas...
Quem sabe se das lagrimas choradas!

III

Alongava-lhe as horas da existencia
O trabalho forçado dos ladrões,
Ao sol equatorial das regiões
Onde não ha pinhaes nem ha clemencia.

Uma noite, porém, a Providencia,
Que as blasphemias esquece e as maldições,
Pegou da Morte,—a flor de fina essencia,
E deixou-lh'a cahir sobre os grilhões.

Senhor! se o Mal é eterno e absoluto,
Se ao culpado só resta o eterno luto...
Ah! quando a Morte elle entreviu no mundo,

Eu não sei que visão, que luz sagrada
Lhe desenhou na face acobreada
O sorriso do asceta moribundo!

NARCISO DE LACERDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

EM DIA D'ELEIÇÕES

Envergou a andaina domingueira, metteu no bolso as listas de differentes parcialidades politicas, e achava-se disposto a ir votar, com o seu compadre commendador, no candidato governamental.

Vae senão quando, cae-lhe nas mãos um papel opposicionista, onde se incrimina de pedreiro livre o futuro representante do circulo.

O homemsinho começa a matutar no caso e não sabe por quem se decida, resolvendo pedir conselho ao padre prior.

Foi n'esta attitude que o author do quadro lhe desenhou a effigie.

SE EU APANHASSE A TALUDA...

Pode muito bem ser que apanhe, e que a sorte o bafeje.

Nunca vimos que a fortuna escolhesse caras e se namorasse exclusivamente de formosuras.

Ha por ahi horrendas carrancas de chafariz, sobre as quaes a Providencia não se cansa de despejar a provida e inhexaurivel cornucopia de felicidades.

Parece até que a sorte protege de preferencia os feios e os tolos!

Não nos admira, portanto, que aquelle pobre diabo apanhe a taluda na proxima loteria e nos salpique amanhã de lama, com as rodas dos seus landós *huit-ressorts*.

UM PASSEIO DE CARRUAGEM

Não é positivamente uma carruagem, mas fazem de conta que sim.

A fanthasia das creanças pode muito, e é ainda capaz de maiores arrojos.

Vão lá dizer á pequenita do guarda-sol que a celha onde se acocorou incommodamente, não tem para ella os encantos d'um bello caleche, forrado de setim azul e tirado a dois soberbos cavallos hanoverianos *pur sang!*

Felizes edades aquellas e como é bom jornadear pelos mundos infinitos da chimera!

UMA NORUEGUEZA

Nós não levamos a nossa credulidade até ao ponto d'acreditar que a esbelta figura do quadro seja a de uma norueguesa.

O author deu-lhe aquella nacionalidade como podia dar-lhe outra qualquer, mas os formosos olhos, avelludados e ardentes, em que estamos cravando os nossos, rebellam-se contra a classificação.

As mulheres da Noruega são d'uma frigidez de sorvete, e aquella, a julgar pelas exterioridades accentuadamente andaluzas, não pertence á fria raça scandinavia.

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

A Escola polytechnica foi creada por decreto de 11 de janeiro de 1837, sendo-lhe doados, por decreto de 12 do mesmo mez e anno, o edificio e bens do Collegio dos Nobres, supprimido dias antes.

Estabeleceram-se desde logo as aulas da mesma escola n'esse edificio, e ahi se conservaram até ao dia 22 de abril de 1843, em que um grande incendio unicamente deixou de pé as paredes de tão vasto e solido edificio.

O conselho da escola tratou logo de construir um edificio proprio para o seu destino, mas entendeu-se que para isso se deviam aproveitar as ruinas do antigo, e fez-se a reconstrucção.

A frontaria do novo edificio tem 14^{m},83 de extensão, e de altura, até á beira da cimalha, 14^{m},56, com uma platebanda de 1^{m}. As columnas do portico são monolithos, tendo o fuste 13^{m},42. Eram as da egreja de S. Francisco.

O risco foi feito pelo antigo director da escola, o general J. F. da Silva e Costa, de accordo com o professor de desenho, D. Luiz Muriel, que dirigiu as obras por algum tempo. Depois tomou conta d'ellas o professor de desenho, Pedro Pézarat.

Ainda está por concluir parte do edificio, que é vastissimo, e que, embora não seja de construcção elegante, ha de offerecer

SE EU APANHASSE A TALUDA...

UMA NORUEGUEZA

(Quadro de J. Wehle)

UM PASSEIO DE CARRUAGEM

todas as commodidades para o estabelecimento a que foi destinado.

C. D.

MATER DOLOROSA

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrymosa estatua da amargura.

Dos ceus a curva era tranquilla e pura:
Das gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulos, voando
Dos mares sobre a cerula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedera, astro mavioso,
De alvor banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrera, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas...

GONÇALVES CRESPO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

BENJAMIM CRUZ.—Irregularidades na distribuição e ás vezes culpa do correio. Veremos se é possivel pôr cobro a umas e a outra.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este rio e este verbo acham-se n'um diario—1—2.

J. JOSÉ SILVA

Esta preposição hespanhola uza navalha na egreja—1—2.

Este signal corre na justiça—2—2.

Prende e da luz este conto—1—2.

Lamego. DINHEIRO.

Atraz do globo e antes do meio dia—2—3.

Aqui e agora é fructo—1—1.

O atomo é um oceano que dá fructos—1—1.

No espaço e na provincia esta o animal—1—2.

Mulher que ata o homem—3—1.

Elvas. OS TEIMOSOS.

Este imperador via no livro esta planta—2—2.

No theatro corre este artista—3—2.

Este animal corre e rouba—2—2.

Bragança. JOÃO CANDIDO D'AZEVEDO.

ELECTRICAS

Ás direitas e ás avêssas come-se—2.

SALTARELLO.

Ás direitas ou ás avêssas arvore sagrada—2.

Ás direitas medida, e ás avêssas desgraça—2.

Ás direitas ou ás avêssas altar christão—2.

Ás direitas marisco, e ás avêssas pedra preciosa—2.

Mirandella. BENJAMIM CRUZ.

EM VERSO

A primeira não é boa,
A segunda tambem não,
Ou, para melhor dizer,
Ambas ellas ruins são—1—1

Que a terceira é cruciante
Não se pode duvidar.
Nem eu isto escreveria
Se ella o quizesse vedar—1

Eis o que n'este mundo
Os homens todos são
Emquanto não attingem
A edade de varão.

Redondo. J. JOSÉ SILVA.

—Diz-me cá: aquelle homem
É russo, turco ou francez?
Acaso será polaco?
—Não senhor; é um inglez—2

—É um inglez?! Ora esta!
O yes, que ratice!
Eu adoro os taes inglezes!
—Que delirio, que doidice—3

—*O yes, all right, all right*,
O yes muitas vezes!
—Gosto d'essa affectação
Em imitar os inglezes!

Monchique. JOAQUIM A. DA CUNHA.

PERGUNTAS ENIGMATICAS

Qual é o racional que canta debaixo d'agua?

SALTARELLO.

Qual é a palavra que é nome proprio e instrumento?

(A ex.ma sr.a D. M. C. R.)

Qual é a palavra que é interjeição e nome de homem?

(A Idalina Cruz)

Qual é a palavra que é nome de moeda, de povoação e de homem?

BENJAMIM CRUZ.

LOGOGRIPHO

Na minha casa, leitor—1—4—3—4
Ouvi cantar ao piano—1—2—3—2
Esta nota, sim senhor—3—4

Mas depois, este magano—1—4
Trepou por esta palmeira—2—3—4
E fez d'ella planta d'anno—1—4—3—1—4

Portanto, caro leitor,
Se vender pelles de boi,
Ha de por força este todo
Ser d'ellas, como esta foi.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

ADIVINHAS POPULARES

Indo por aqui abaixo
Deus guarde vossas mercês,
Leve ás costas quem procuro,
Na barriga quem me fez.

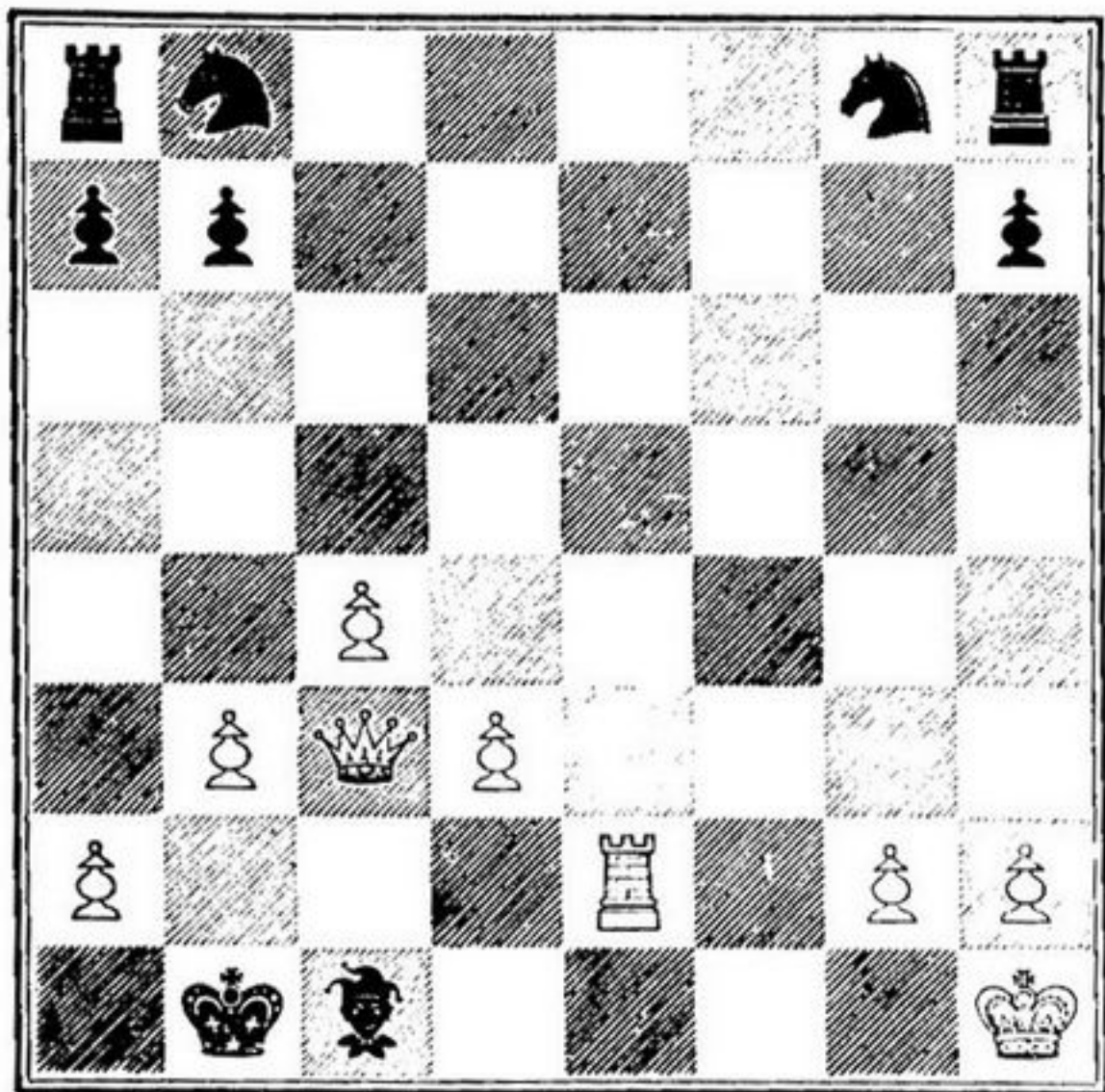
Semente preta em terra mimosa
Logo que se plante nasce uma rosa.

Tem alma—é material
Tem ouvidos—não é animal.

SALTARELLO.

XADREZ

PROBLEMA N.º 12

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em dois movimentos.

PROBLEMA

Pretende-se saber qual é o menor numero de pesos com que se pode pesar desde 1 até 121 grammas, com exclusão das fracções.

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Falua.
2.ª—Trovador.
3.ª—Parabola.
4.ª—Varapau.
5.ª—Remo.
6.ª—Sado.
7.ª—Perola.
8.ª—Bisca.
9.ª—B e j a
e r a s
j a v a
a s a r
10.ª—Elvas.
11.ª—Auga.
12.ª—Zorra.
13.ª—Saias.
14.ª—Amadeu.
15.ª—Menosprezo.
16.ª—Desmaio.

Do problema:—Um dos camponezes 60 ovos, o outro 40.
Xadrez—Solução do 11.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. B. 3 R. cheque.	1. R. toma B. (A)
2. P. 3 C. D. cheque.	2. R. 5 C. D.
3. D. casa R. cheque.	3. R. 6 T. D.
4. B. casa B. D. cheque e mate.	

A.

1. B. 3 R. cheque.	1. R. 5 C. D.
2. D. casa R. cheque.	2. R. 5 T. D.
3. P. 3 C. D. cheque.	3. R. 6 T. D.
4. B. casa B. D. cheque e mate.	

Do enigma:—Espinho e Collares.

A RIR

Entre duas donzellinhas:
—Queres casar?
—Eu? *Libera nos Domine!* E tu?
—Eu! disse a outra, *te rogamus audi nos!*

*

Um pedinte incommoda um sujeito que passa, contando-lhe uma historia lamurienta, mas pouco verosimil.

—Então você julga que eu sou algum pedaço d'asno?

—Ora essa, meu senhor! Pois eu atrevia-me la a fazer *tão pouco* de v. ex.ª?

*

Uma senhora, muito falladora, manda chamar o seu medico.

—Doutor, examine a minha lingua e veja o que preciso.

—*Descanso*, minha senhora, respondeu o medico.

*

—Doutor, venho agradecer-lhe...

—Então como se acha?

—Magnificamente, como vê.

—Quantos frascos tomou do remedio?

—Eu? Nem sequer o provei: meu tio foi quem tomou dois: e como eu sou o seu unico herdeiro...

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Receita facil para obter excellente agua de colonia:

Essencia de limão.................	10	grammas
Dita de bergamota..................	10	»
Dita de alfazema	40	»
Dita de erva cidreira..............	10	»
Dita de cravo da India.............	10	»
Dita de alecrim....................	4	»
Dita de tomilho	2	»
Alcool a 90 graus..................	2	litros

Depois de misturadas as essencias com o alcool, filtra-se.

A LUVEIRA

(IMITADO DE THEODORO DE BANVILLE)

I

O poeta Edmundo de Varlus possuia as tres grandes superioridades do homem moderno:—a belleza, a intelligencia e a riqueza. Edmundo Varlus, não apreciando o bulicio da sociedade e gostando de refugiar-se na solidão, para ahi ler os seus authores predilectos, Baudelaire e outros, habitava uma casinha situada na ilha de S. Luiz, Caes d'Anjou.

Uma tarde de outubro de 1881, Edmundo Varlus foi jantar, como costumava, a um restaurant. Levara comsigo um volume da primeira *Légende des Siècles*, e em quanto esperava o jantar, abandonou-se ás delicias da leitura.

De subito, ouviu duas vozes, que partiam do quarto ao lado, dividido por um simples tabique.

O poeta dispunha-se a deixar o seu logar, não querendo commetter a indiscripção de surprehender uma conversa que lhe não dizia respeito, quando, inesperadamente, lhe feriram os ouvidos algumas palavras, que o pregaram immovel na sua cadeira.

—É possivel?! dizia o primeiro interlocutor. Pois tu, Bazilio, que és um rapaz de espirito, um homem rico, estimado, feliz em toda a extensão da palavra, é possivel que tu queiras repetir essa ridiculissima scena, que é o supremo refugio dos maridos idiotas e dos dramaturgos mediocres?

—Já te disse, confirmou Bazilio: o meio é velho, mas não existe outro, que eu saiba.

II

—Tua mulher é bonita, elegante, espirituosa, invejam-te a posse de uma tal esposa: para que demonio queres tu, pois, causar desgosto a essa encantadora creatura? Para que abrigas suspeitas sem fundamento?

—Estás doido? perguntou Bazilio. Eu não chego a suspeitar: o que desejo é ver-me livre de minha mulher: detesto todas as algemas ..

—Bem se vê, fez o amigo, indignado, que não tens filhos!

—Deus me livrasse d'essa tyrannia! Tenho sede de liberdade, de capricho, de imprevisto! Para te dizer toda a verdade, julgo perfeitamente innocente o amor que o doutor Christino dedica a minha mulher; estão ambos em pleno idyllio platonico. Tanto melhor! Clara julga-me a caminho para Moulins: parti ha tres dias: é natural que escrevesse ao seu medico ideal, que não ousa olhar-lhe para o bico das botinas. Levo-te commigo, és o meu cumplice; em menos de meia hora estaremos em minha casa; surprehendel-os-hemos no exercicio innocente de dialogarem sentimentalidades romanticas. Eu appareço, como o archanjo do exterminio, accuso-os, e obtenho por este meio simplissimo uma separação amigavel.

O poeta Varlus não perdera uma palavra da conversa.

Abriu, com a maior cautela, a porta do quarto, onde acabava de jantar; com um gesto chamou o creado, deu-lhe seis luizes e perguntou-lhe em voz baixa, se sabia onde residia o sujeito chamado Bazilio.

Bazilio era proprietario de uma grande luvaria; o creado forneceu o desejado endereço: Rua da Jussienne, n.º 21, 3.º andar.

Edmundo de Varlus não perdeu um segundo, atirou-se para dentro de um fiacre e mandou bater a toda a brida na direcção indicada.

Em menos de um quarto de hora, Varlus estava na rua Jussienne: subiu os degraus a quatro e quatro, absorto em uma preoccupação: como havia de apresentar-se em casa da sr.ª Bazilio?

Affrontando todos os obstaculos, puchou violentamente pelo cordão da campainha.

Clara, attrahida pelo ruido, veiu abrir, com a expressão tranquilla de uma pessoa que nada tem a receiar.

—Minha senhora, disse Varlus em voz baixa, supplico-lhe que me conceda um minuto de attenção. E' uma questão de vida ou de morte!

III

Clara, cuja admiravel belleza impressionou profundamente Varlus, levantou os olhos e fitou a cabeça do poeta, que se desenhava na meia luz projectada por um bico de gaz, collocado a grande altura: o aspecto da physionomia de Varlus, honesta, franca e intrepida, desvaneceu-lhe os receios. Mandou-o entrar e fechou a porta.

Edmundo de Varlus, que aprendera em Rabelais e Theophilo Gautier a complexa e difficil sciencia de exprimir as idéas mais complicadas com o numero de palavras menos prolixas, contou em alguns minutos a Clara Bazilio o dialogo que surprehendera no restaurant.

Em seguida partiu, sem esperar que lhe agradecessem, e saiu a correr.

Dez minutos depois da partida de Varlus, Bazilio entrou em casa, seguido do seu amigo Antiq, abriu com a chave que trazia a porta do quarto, e, caminhando nos bicos dos pés, penetrou no boudoir de Clara.

Uma surpreza esperava-o. Em cima do *queridon* o luveiro achou uma carta de sua mulher, que lhe era dirigida, e que principiava assim:

«Meu querido Bazilio, prohibiste-me que te escrevesse, mas eu não posso deixar de desobedecer-te, impellida pela necessidade de dizer-te que penso em ti, que te amo, que conto os minutos...»

Clara não vira, nem ouvira Bazilio e Antiq: estava assentada ao piano e cantava uma *romanza*, composta pelo marido no tempo em que eram noivos, intitulada *Fleur d'espoir*: ao lado do piano via-se a photographia de Bazilio, encaixilhada em pelucia azul. Ao ruido dos passos dos dois homens, Clara voltou a cabeça, ergueu-se e caiu, palpitante de jubilo, nos braços do marido.

IV

Dois annos depois, em uma terça feira da Comédie Française, a viuva Clara Bazilio achava-se em um camarote com a sua amiga Eugenia Serizier.

Bazilio fallecera um anno antes, de repente, á saida de uma ceia tempestuosa.

De subito, o olhar de Clara Bazilio fixou-se em um esbelto rapaz, que acabava de assentar-se em um fauteuil de orchestra, attraindo todos os olhares.

Um sobresalto, uma violenta palpitação, advertiu-a de que era aquelle o mysterioso visitante, que outr'ora lhe apparecera, como o enviado da Providencia.

—Conheces aquelle homem? perguntou Clara á sua amiga.

—Em Paris, volveu Eugenia, és tu a unica pessoa que ignoras que o poema *Rainha de Sabá* e o seu autor, são, n'este momento, o assumpto de todas as conversações. Se eu conheço Edmundo de Varlus, perguntas tu! Nós, que nascemos e fomos creados juntos, em Dijon, onde as nossas familias habitavam duas casas contiguas!... Somos amigos dedicados e não existe entre nós um unico segredo.

—O amor, insinuou Clara, deve ter occupado um logar importante na vida d'esse homem?

—Enganas-te, retorquiu Eugenia. Edmundo de Varlus não ama, nem quer ser amado. Edmundo é um poeta verdadeiramente romanesco. Adora, em segredo, uma mulher que viu ha dois annos, uma unica vez, no breve espaço de alguns minutos. Nós anniversarios d'esse dia, Edmundo despede o creado, não quer ver ninguem, e fecha-se em casa com a visão da sua ineffavel Beatriz.

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

V

No dia immediato, Edmundo de Varlus, foi sobresaltado por uma forte campainhada, que lhe quebrou o cordão da campainha. A porta abriu-se e o poeta estremeceu, vendo na sua presença a divina figura de uma mulher elegantissima, envolvida em uma capa preta e tendo a cara coberta com um véu.

—Supplico-lhe, disse a desconhecida, que me conceda um minuto de attenção. E' uma questão de vida ou de morte!

N'essa occasião ergueu o véu.

Edmundo, arrebatado de felicidade, caiu-lhe aos pés e depoz nas finas e brancas mãos, que se estenderam para elle, o seu primeiro beijo de amor.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA